

O Progresso Catholico

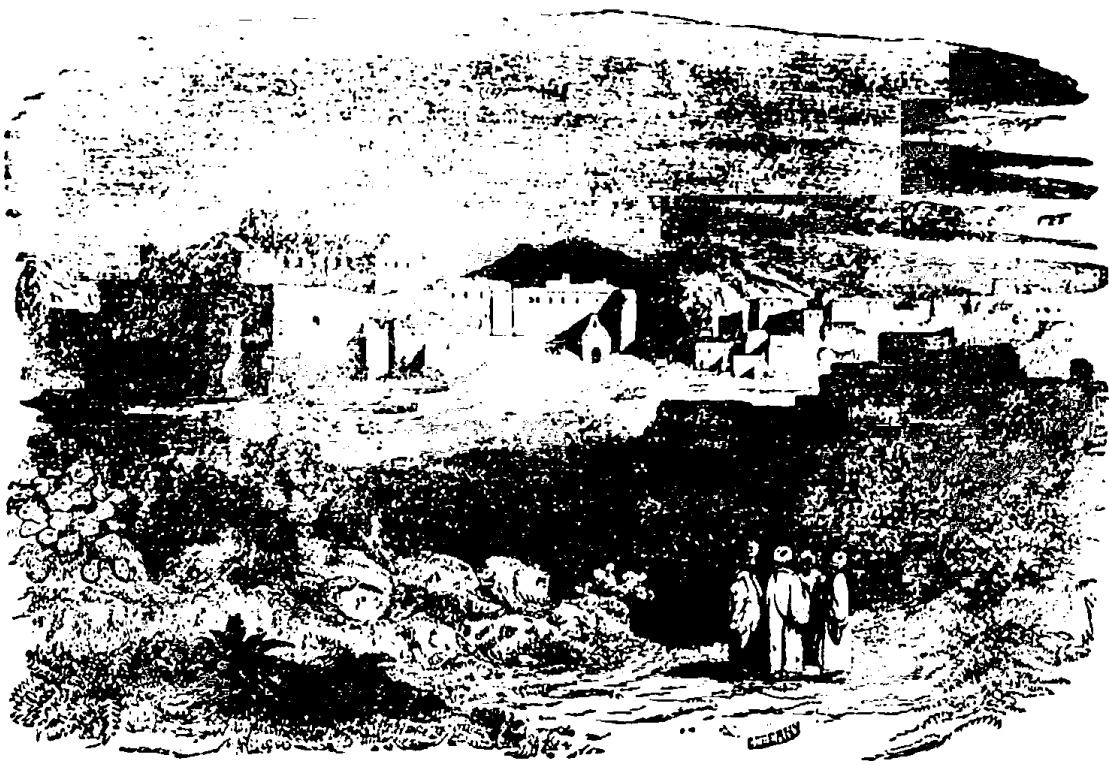
... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIAO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umpho Ecclesiae... in Christo Jesu.

1D. 13. 1-4.



BETHLEEM

DOM AUGUSTO EDUARDO NUNES, por
mercê de Deus e da Sancta Sé
Apostolica Arcebispo Titular de
Perga, Coadjutor com futura suc-
cessão do Arcebispo d'Evora, Dou-
tor na sagrada Theologia pela
Universidade de Coimbra, etc.

Ao Illustrissimo e Reverendissimo Cabi-
do, Muito Reverendos Vigarios da Vara,
Reverendos Parochos e Clerigos, e a
todos os fieis da Archidiocese Metro-
politana d'Evora.

SAUDE E BENÇÃO EM JESUS CHRISTO
SALVADOR NOSSO.

«Eccē nunc tempus acceptabile: ecce
nunc dies salutis.» (1)

APROXIMA-SE, amados ir-
mãos e filhos em Jesus
Christo, aproxima-se o
periodo da Sancta Quaresma,
tempo sobremodo agradavel a

Deus, que nos offerece larga e
dadivosa promessa de miseri-
cordias. Avizinham-se os dias
em que mais proficuamente po-
demos trabalhar em nossa sal-
vação.

Nesses dias solennes, que
começam com a symbolica cere-
monia das cinzas e terminam
com a plangente commemoração
dos tormentos e morte do Filho
de Deus,—são, austera e grave
a voz da Egreja, convidando-nos
ao recolhimento, á penitencia, á
emenda de nossos costumes, ao
aproveitamento dos beneficios e
graças divinas, á meditação das
grandes verdades que salvam, ao
uso dos meios que dão vida a
nossas almas.

E' certo que não ha tempo
algum que seja improprio para
cuidarmos da nossa sanctifica-
ção. Não póde duvidar-se que
Deus sempre acolhe benigna-
mente os gemidos do nosso ar-

rependimento e as lagrimas da
nossa contricção. Mas é egual-
mente incontestavel que a Cle-
mencia Infinita parece algumas
vezes redobrar de esforços e
desvelos para nos arrancar ao
torpor do indifferentismo e ao
sonno d'uma consciencia acos-
tumada á culpa.

Assim succede no tempo qua-
dragesimal, em que Deus Senhor
Nosso, por meio de sua Egreja
Sancta, multiplica as adverten-
cias, os chamamentos, as lições
salutares; patentea todos os the-
souros de perdão no tribunal da
Penitencia; impõe saudaveis abs-
tinencias e jejuns, que, reprimin-
do os vicios, elevam ao céu nos-
sas mentes (2); franquea indul-
gencias preciosas; convida ao
festim eucharistico todos os fieis,
e a todos exhorta a que se pre-

(1) II Cor. VI. 2

(2) «Qui corporali jejunio vitia comprimis, men-
tem elevas.» (Praef. quadrag.)

parem condignamente para a maxima das solemnidades christãs, a Sancta Paschoa da Resurreiçõ.

Pareceu-Nos por isso opportuno dirigir-vos, amados irmãos e filhos, n'esta occasião algumas palavras de instrucção e incitamento, em desempenho do Nosso encargo pastoral.

Desprendamo'-nos por um pouco dos cuidados terrenos; desempoeiremo'-nos das sollicitudes temporaes; e volvamos um olhar severo sobre nós mesmos. Concentremos nossa attenção n'esta verdade: o fim a que viemos ao mundo, é servir a Deus e salvar a nossa alma. O nosso destino não se circumscreve aos curtos e atribulados dias da vida presente; é mais alto e mais nobre; é grande como o infinito, e duravel como a eternidade: é Deus mesmo. De Deus viemos, e para Deus voltamos. Por Elle e para Elle fomos creados. A vida actual é o prologo da futura, que será venturosa ou infeliz, consoante o uso que do tempo fizermos.

Enquanto estamos no mundo, devemos considerar-nos como exilados que atravessamos os asperos trilhos do nosso perigrinar, com os pés ensanguentados pelos abrolhos, que nos dificultam a senda, mas com os olhos sempre fitos na patria do céu, com o animo sempre docil á voz de Deus.

A vida humana é fugitiva sombra; é um sonho que dura rapidos momentos, e prestes se esvaece, como os turbilhões de fumo que o vento dissipa. Colocado entre o nada e a eternidade, arremessado, como fragil ponte, entre estes dois temerosos abyssos,—o homem vive breves dias, cortados de amarguras e misérias, e esconde-se no tumulto; como a honna, que hoje desabrocha mimosa, e amanhã é calcada aos pés dos caminheiros. (3)

E todavia, amados irmãos e filhos, os homens malbaratam o pouco e fugaz tempo de prova que lhes é concedido. Não meditam no seu fim ultimo, não curam da sua salvacão eterna, não pensam em se aperceber para a inevitavel viagem.

Presos a este mesquinho glo-

bo, agrilhoados pelas cadeias do interesse, da ambição, da van-gloria ou dos prazeres, só têm cuidados e desvelos para o que é temporal e ephemero.

Uns d'estes insensatos dizem: Coroemo'-nos de rosas loucas e perfumadas, antes que ellas emmurchecem (1): exgottemos a aurea taça do prazer, já que a vida é breve!

Outros,—quicá em maior numero,—lidam, forcejam, tresnam por adquirir riquezas, honras, dignidades, poderio: usam de todos os meios, ainda os mais abjectos; servem-se de todos os expedientes, ainda os mais ignobeis, para se elevarem, embora á custa de infancias e crimes. Só tem um alvo, uma aspiracão,—subir! Nunca satisfeitos, devorados por insaciavel sede, cuidam que todos lhes fazem sombra; declaram guerra a todo o merecimento, perseguem toda a grandeza e virtude,—para só elles dominarem e serem admirados. Parece enfim que aspiram ao sceptro do mundo e á conquista universal.

Cegueira lastimosa! Que aproveitara ao homem possuir o mundo inteiro, se perder a sua alma? (5)

Palavras são estas de eterna sabedoria, que nos esclarecem acerca do nosso verdadeiro destino, e do nosso importantissimo, do nosso unico negocio necessario (6),—a salvacão eterna.

Quantos homens,—ainda mal!—esquecidos d'esta maxima do Salvador, nunca ou raro pensam na preferencia, ou alternativa necessaria entre o mundo e Deus, entre o tempo e a eternidade!

Mas que importa esse inexplicavel socêgo, esse lethargo profundo em que o homem adormece voluntariamente? Acaso poderá elle, á força de distrações, negocios, paixões, interesses, gozos, trevas e iniquidades, evitar ou differir o dia de Deus? Não! Esse dia formidavel chegará inevitavelmente, e demasiado cedo para o impio.

E' difficil, amados filhos, é difficil de comprehender a indifferença geral dos homens em presença do seu eterno destino...

(1) «Coronemus nos rosas, antequam marcescant.» [Sap. II, 8].

(5) «Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animam vero suam detrimentum patiatur?» [Matth. XVI, 26].

(6) «Unum est necessarium.» (Luc. X, 42).

Que se diria do caminheiro, que, atravessando fragosas serranias, se deitasse a descansar á beira d'um precipicio medonho, aonde o menor movimento poderia arremessal-o? Que se diria d'aquelle viajante que, subindo ao Vesuvio, se deixasse adormecer junto á sua cratera, sem se lembrar que uma subita erupção poderia devoral-o?

Se esses merecidamente seriam reputados loucos, como deverão qualificar-se aquelles homens que,—separados da eternidade por um tenue fio, por um sópro,—viver, como se não houvessem de morrer, ou como se alem do tumulto nada existisse? Esta absoluta imprevidencia, esta apathia com que o homem se aventura a um porvir incognito e mysterioso, não será a caracteristica evidente d'uma insensatez profunda?

O genero humano e a voz incontrastavel da consciencia attestam que existe uma lei que ninguem pôde violar impunemente; uma lei de que Deus é Auctor, Moderador e Juiz; uma lei que tem por sancção premios ou penas eternas; e, sem acreditar nem negar este testemunho, sem discutir nem pezar o seu valor, o indifferente accita as consequencias da opposição formal a esta lei; e, por negligencia, submete-se á dupla miseria do crime e da pena eterna.

Tudo quanto interessa á saude, á fortuna, ás honras, aos gozos, ás opiniões, habitos, commodidades e negocios temporaes dos homens, agita-os, pertuba-os, afflige-os, inquieta-os, excita-lhes uma actividade infatigavel; só ha indifferença, só ha desdem, no que toca ao negocio da salvacão, no que respeita ao céu, ao inferno, á eternidade!!

Este marasmo dos espiritos é uma anomalia monstruosa; este lethargo do indifferentismo é uma verdadeira enfermidade moral, que vai tomando n'estes tempos o character de endemica.

Só a graça omnipotente pôde atalhar os progressos d'este mal, e sustar este flagello devastador, que estanca as fontes vitaes do sentimento religioso, e simultaneamente esteriliza toda a vida moral dos povos, todos os sentimentos grandes, todas as paixões nobres, todas as altas aspirações e generosos impulsos, de que depende a genuina civilização das sociedades.

(3) «Homo notus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseris: qui quasi flos egreditur, et conteritur, et fugit velut umbra.» [Job, V, 1X].

Mas, para tornar mais facil a accção da graça divina, importa sobremaneira que os Pastores da grei christã, aquelles a quem foi confiado o ministerio da palavra sancta, aquelles a quem o Salvador disse: *Vós sois a luz do mundo* (7), não affrouxem ja mais no seu zelo, clamem sem cessar, exaltando suas vozes, quaes tubas sonoras, e esclareçam os entendimentos ácerca da incomparavel importancia da salvação, e da constante diligencia com que todos os homens se devem empenhar em conseguila.

Esforçai-vos, pois, amados irmãos e cooperadores nossos, esforçai-vos por dissipar as trevas da ignorancia e derreter o gelo do indifferentismo, que—ainda mal!—assoberba tantas almas n'este arcebisado.

Doutrinae os povos, — Nós vol-o pedimos e recommendamos pelas entranhas de Misericordia de Nosso Deus e Salvador Jesus Christo; doutrinae os povos, guiae-os no caminho do céu; apartae-os dos vícios, defendei-os dos perigos espirituaes, preseruae-os dos erros funestos da incredulidade, premuni-os contra o espirito do seculo, desapegae-lhes os corações dos bens terrenos, elevai-lhes as almas para Deus, fazei-lhes amar a virtude.

Amar e praticar constantemente a virtude, é a senda que da terra nos leva á patria celeste, é o unico meio de conseguir a eterna salvação.

Porém a virtude é difficil: a porta do céu é estreita, e o caminho apertado, (8) ingreme, escabroso; e aonde iremos nós, miseros peccadores, aonde iremos buscar a força necessaria para resistir ás tentações, e vencer os inimigos poderosos que nos querem perder?

Onde encontraremos o vigor que nos fallece, para travarmos denodadamente as peijas da virtude?

Louvemos mil vezes a Bondade Summa do nosso Redemptor, que attendeu á nossa fraqueza e miseria, e deixou na sua Igreja meios facéis de sanctificação, canaes copiosos de graças.

Estes meios, estes canaes são os Sacramentos.

Invenções sublimes da Inteligencia Eterna, todos os Sacra-

mentos da Nova Lei são testemunhos da inexgottavel Misericordia Divina, que pròvida soccorren as diversas necessidades moraes que nos opprimem.

Se é licito, todavia, fazer parallelos, nenhum Sacramento revela melhor a Misericordia do Senhor, do que o da Penitencia.

Este Sacramento, a que os Padres do Concilio de Trento conceituosamente chamaram *segunda tabua de salvação depois do naufragio*, não é uma invenção do Clero, é uma instituição divina: foi Jesus Christo, Salvador Nosso, quem conferiu aos Apostolos e a seus successores no Sacerdocio o poder de perdoar peccados, quando, depois da sua portentosa resurreição, soprou sobre elles, e lhes disse: «Recebei o Espirito Sancto. Aquelles a quem perdoardes os peccados ser-lhes-hão perdoados; e aquelles a quem os retiverdes, ser-lhes-hão retidos.» (9)

E a quem, senão a Deus, seria possivel dar aos homens um poder tam alto, tam assombroso, tam superior ás prerogativas dos soberanos e á auctoridade dos magistrados?

Quem, senão o Senhor Supremo e Optimo, poderia conceber uma instituição tão suave, e energica, tam consoladora e efficaz, tam facil e pròveitosa, tam digna de Deus e tam consentanea ao homem?

Ah! que seria de nós, sem este meio de reparar nossas culpas e desaggravar a Majestade Divina offendida?

E' certo que o Filho Unigenito do Altissimo, revestindo nossa carne mortal, abatendo-se e como que aniquilando-se até tomar a fórma de escravo (10), expirando no patibulo ignominioso da Cruz, resgastou o genero humano do peccado e da morte eterna, satisfez superabundantemente á Justiça Infinita, reconciliou o mundo com Deus, reabriu aos descendentes de Adão as portas do céu, reconquistou-nos o direito de nos dizermos filhos de Deus e herdeiros da bemaventurança, e com seu sangue lavou as iniquidades dos homens.

E' certo que, pela virtude d'esse sangue, as aguas baptis-

maes nos purificaram da mancha original.

Que succederia porém, se além do baptismo, não houvesse outro meio de nos serem applicados os fructos da Redempção e os merecimentos de Jesus Christo?

Sem uma graça e privilegio particularissimo, não ha homem algum que possa evitar sempre o peccado; sim, todos offendemos muitas vezes e de muitos modos a Bondade summa. *«In multis enim offendimus omnes»*.

Pelo peccado grave, destiguramos a imagem de Deus, a cuja semilhança fomos creados (11), inutilizamos a Paixão e Morte de Jesus, declaramo-nos inimigos de Deus.

O peccado mortal destroe em nossas almas a vida da graça, submette-nos novamente á escravidão de Satanaz, aparta-nos da gloria a que fomos destinados, e expõe-nos á condemnação eterna.

Deixado a si mesmo, o peccador jamais poderia solver esta divida, nem reír esta offensa. Porque, sendo Deus um Ente infinitamente superior ao homem, a offensa que se lhe faz pelo peccado mortal, é d'uma gravidade infinita. Não poderiamos jamais reerguer-nos da nossa miseria, se a Misericordia Divina não houvesse deixado na sua Igreja o poder das chaves, que, no Sacramento da Penitencia, desata os grilhões da culpa e purifica as nodos da consciencia. (Continua)

GUIMARÃES 15 DE MARÇO DE 1885

A Ordem Terceira

TENDO o *Progresso Catholic* publicado a Constituição de Sua Santidade o Papa Leão XIII ácerca das Ordens Terceiras, e feito depois alguns leves reparos, notando o não se haver harmonisado com as determinações do Santo Padre, a Ordem Terceira de S. Francisco d'esta cidade, vamos hoje dar publicidade a uma carta que o Exc.^{mo} Sr. Conde de Samodães recebeu do Reverendissimo Padre Geral dos Franciscanos, com cuja publicação affirmamos o que então dissemos, que é: — Em quanto a corporação aludida se não conformar com a Constituição Pontificia, está fora da Ordem, não go-

(9) «Inflavit, et dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum: quorum remisistis peccata, remittantur eis: et quorum retinueritis, retenta sunt.» (Joan. XX 22, 23).

(10) «Exinanivit semetipsum, formam servi accipiens.» (Philipp. II, 7).

(11) «Faciamus hominum ad imaginem et similitudinem nostram.» (Gen. I, 26)

(7) «Vos estis lux mundi.» (Matth. V, 14)

(8) «Quam angusta porta, et arcta via est, quae ducit ad vitam.» (Matth. VII, 13).

zando seus irmãos nenhuma das graças concedidas aos terceiros franciscanos.

Eis a carta :

«Roma—Aracoeli, 29 de janeiro de 1885.

Sr. Conde.

Quizera ter respondido primeiro á sua estimada carta, mas circumstancias alheias á minha vontade, retardaram a satisfação do meu desejo.

Depois de haver examinado a sua consulta e os Estatutos da Ordem Terceira estabelecida em Guimarães, archidiocese de Braga, tenho a satisfação de responder a v. exc.ª que os mesmos Estatutos não precisam ser modificados e de novo submettidos á approvação da auctoridade civil: e basta acrescentar o artigo que v. exc.ª indicou a fim de collocar os mesmos Estatutos em perfeito accordo com a recente Constituição de Leão XIII. Esse artigo pôde ser concebido do modo seguinte :

«Os Estatutos da Ordem continuam em seu pleno vigor mesmo depois da Constituição — Misericors Dei Filius — publicada por Sua Santidade Leão XIII, excepto n'aquillo que se oppoz á mencionada Constituição.»

Os Commissarios investidos de poderes antes da Constituição de Leão XIII, por nossa auctoridade, continuam a gozar das suas faculdades e de modo nenhum se faz mister renova-los.

Porém os novos Commissarios que forem nomeados deverão munir-se de poderes legitimos, que estamos promptos a conceder-lhe.

Com a melhor vontade, snr. conde, lançamos a v. exc.ª a benção seraphica, como a um digno Filho do Nosso Padre S. Francisco, e rogo a Deus Nosso Senhor que mantenha sempre o zelo de v. exc.ª em promover na sua patria todas as obras catholicas.

De v. exc.ª

dedicadissimo em Nosso Senhor

J. Bernardino do Portogruaro.

Ministro geral dos Franciscanos
A S. Exc.ª o Conde de Samodães.»

A *Palavra* publicando a carta que os nossos leitores acabam de ler, diz em seguida :

«Muito estimaremos que a Ordem Terceira de S. Francisco da cidade de Guimarães se ponha em regra com a nova Constituição, o que pôde fazer por modo hoje simples.

Tambem convirá que o mesmo faça

a d'esta cidade, porque a verdade é que actualmente e como está, essa Ordem é uma associação de beneficencia e de soccorro mutuo, mas não uma congregação religiosa com os privilegios da Ordem Seraphica.

A unica que no momento actual é uma verdadeira Ordem Seraphica é a do Senhor Morto e S. Francisco estabelecida em Santa Clara, que segue a Constituição «Misericors Dei Filius». Tem intuição canonica e foi aggregada á Ordem geral, recebendo o Commissario poderes especiaes. E quem tiver devoção de ser franciscano e de seguir o conselho que Sua Santidade Leão XIII dá na Encyclica «Humanum genus» deve procurar a sua aggregação á referida Ordem, unico modo no estado presente de ser realmente Terceiro de S. Francisco e gozar as graças espirituas annexas a estas Congregações.

Quando as Ordens Terceiras se harmonisem com a Constituição pelo modo indicado na carta que deixamos transcripta, ellas retomarão a sua qualidade de Seraphicas, e os Irmãos gozarão os privilegios e graças apostolicas concedidas.»

Não se trata da reforma dos Estatutos e da sua approvação pela auctoridade civil. Como uma associação de beneficencia perante os poderes do Estado bem está: o que lhe falta é a approvação canonica, que só pôde dar-lhe a auctoridade ecclesiastica respectiva, e essa só a alcança depois de se harmonisar em tudo com a Constituição do Vigario de Jesus Christo na terra.

Dito isto, e vendo confirmada a nossa opinião pelo Rev.ºo Ministro Geral dos franciscanos em Roma, julgamos ter cumprido o nosso dever, como catholicos, e como jornalistas.

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Os exercicios espirituas do clero da Diocese d'Angra do Heroismo em 1884

PODEMOS haver o discurso que o muito revd.º Vigario da Villa de S. Sebastião, prégador honorario da real capella e commissario da Ordem 3.ª da penitencia na mesma villa, pronunciou no primeiro dia de exercicios no dia 21 de Julho do anno passado, ao qual damos a maxima publicidade, pela importancia que lhe damos e por sabermos que S. Ex.ª Rev.ª o Snr. D. João Maria, dignissimo Bispo d'Angra, mostrará desejos que tal discurso fosse publicado.

Discurso pronunciado no 2.º dia de manhã pelo Vigario de S. Sebastião—
Manuel José dos Santos Peixoto.

Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis.

II. Cor. VI. 2

Ducam eam in solitudinem, et loquar ad eam.

Oseas. II. 14.

Exm.º e Revm.º Snr.—Veneraveis Collegas!—Congrega a vóz autorizada do Pae dilectissimo, aos filhos dispersos em missão, para o grão cenaculo do retiro espiritual, e os filhos doces, reverentes, respondem ao appello:—*Adsumus!*—

Convida o Pastor sollicito, aos seus cooperadores no ministerio augusto do —*fecerit et docuerit.*—para o annual congresso, dos Santos exercicios, e elles submissos, separam-se das porções queridas dos rebanhos, que lhes não sido confiados, e accudindo ao chamamento, dizem:—convosco somos! em espirito d'affecto e obediencia!—

Manifesta o piedoso Prelado a seus subditos o desejo,—que para elles é sempre ordem,—e o carecimento da sua cooperação,—que mais que ordem, é dever,—e eu, e vós, nós todos, reverentes acatando, não por temor, mas por amor, o mandamento, honrando-nos de o ver presidindo a estes actos tão louvaveis quão proficuos, esquecendo a nossa insciencia, fazendo calar a humildade propria, erguemos a vóz obscura, que só força e autoridade tem, pela força e autoridade que lhe garante a sua presença veneranda.

E eis assim explicada em pouquissimas palavras a causa e objecto d'esta nossa annual reunião, e conjunctamente da temeridade, (ao parecer, tal,) que assumi agora, dirigindo-me á sciencia e á virtude, á piedade e illustração, que como glorias e adorno, a todos e a cada um de vós, vos tornam distinctissimos.

Figurando-se porém, que quando algum falla, é sempre para que outros o escutem, eu hoje, com diversa mira, me exorçarei por ser apenas o ouvinte de mim mesmo, por isso que em presença de mestres, só cabe aos discipulos fallar para si, que não para os outros, que mais sabedores e proficientes, lhes são em todos os actos da vida, e sobre tudo da vida clerical, sal e luz, doutrina e exemplo.

Se esta confissão pode valer nos vossos animos, para conciliar por momentos, uma attenção benevola e indulgente, deixae que exponha em modesta synthese, o pensamento que me domina, e que me proponho desenvolver, para satisfazer d'algum modo á dilecção de quem me autorisa a fallar, e ás necessidades tanto individuas como com-

mundos, dos que por obrigação lhes cumpre, attender e escutar.

Reverendissimos Senhores! Preparar a nossa salvação, e a do proximo; semear no tempo para colher na eternidade; aproveitar a vida para não temer a morte, se é e deve ser a unica e maxima aspiração dos filhos da Egreja, e dos discipulos de Christo, com superabundante razão, mais que conselho, preceito se evidencia, para os Ministros da Religião, e Sacerdotes do Altissimo. E' que, se em todo o tempo, é tempore cuidarmos de tão importantissimos negocios, estes dias que começaram hontem a decorrer, para nós padres, especialmente, são, e cumpre que o sejam deveras, dias accetaveis, dias de paz e de salvação.

Privatimente imagino tel-o assim expresso o Doutor das Gentes, quando dirigindo-se aos de Corintho, disse: *Ecce nunc tempus acceptabile. ecce nunc dies salutis.*

A noss'alma ancia pelo repouso; as agitações da terra tem-nos fatigado: os cuidados do mundo, os deveres do nosso ministerio mesmo, embora a mór parte das vezes, em convívio com as couzas santas, hão quiçá conturbado-nos o espirito e o coração:—pois bem: o nosso Deus chama-nos d'esta Bahylonia para o cenaculo, como outr'ora aos seus Apostolos: o Senhor convida-nos a deixar o povoado pelo deserto, recordando-nos o exemplo do Salvador Jesus: e é n'este retiro santo, onde segundo S. Bernardo, o ar é mais puro o ceu mais aberto a luz mais viva, a graça mais proxima e abundante:—é n'esta solidão bendita, onde Deus é mais sensível ao coração, e o coração mais disposto ás emoções da fé, e aos eterncimentos da piedade:—é n'este banho fortificante, n'este salutar refrigerio que se retemperam as almas:—é em summa n'esta escola celeste, que todos os filhos de Deus, e em especial nós os seus Ministros, podemos formar-nos no exercicio de todas as virtudes, atendendo ao verbo que se nos dirige, o que assim nos falla:—*Ducam eum in solitudinem, et loquar ad cor ejus.*

Taes são e devem ser os motivos e fins d'estes nossos exercicios espirituas: entrementes, para que tanto nas suas partes, como no seu todo, a todos possam elles ser proficuos e lucrativos, convem conhecer a preceito as disposições com que nos é mister permunir, em ordem a d'elles colher pela misericórdia do Senhor o fruto, com que lhe aprazera coroa-os para maior gloria sua, e não menos proveito nosso.

E' d'estas disposições que me proponho pois tractar, distinguindo-as d'esde já em duas categorias: disposições interiores e disposições exteriores. Aquellas reduzo-as a trez:—recuso a Deus:

um espirito docil ás verdades que nos forem expostas: e uma vontade efficaz para a acção: estas limito-as a duas: assiduidade aos exercicios, e recolhimento. Eis a proposição: e se para demonstral-a dignamente, é certo que muito confio na divina graça: não menos é tambem incontroverso que careço, de Vós, Exm.º e Revm.º Snr. paternal indulgencia; e de vós, honorabilissimos collegas, fraternal benevolencia. Ousando esperar, tanto uma como outra, n'este presuposto:—Principio.

(Continúa)

SECÇÃO SCIENTIFICA

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1881

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

(Continuado do n.º antecedente)

V

O Apostolado do Clero em face da—Fraternidade social

Illustrado e religioso auditorio!

QUANDO relanceamos os olhos por sobre o quadro da sociedade actual, patenteia-se nos desdo logo um phenomeno tão singular, como profundamente lamentavel.

A sociedade aspira á união e á harmonia, lida por ella com ardor, é um dos seus ideaes mais predominantes, um dos seus desideratos mais accentuados; é a estrella auspiciosa para onde procura dirigir a sua marcha sempre ascensional, sempre progressiva; e no entanto lavra a desunião nos espiritos, o afastamento e o divorcio nos corações. Que singular phenomeno, que estranho e lamentavel contraste!

A vida manifesta-se em tudo com uma actividade verdadeiramente prodigiosa; manifesta-se activissima nas sciencias que todos os dias rasgam novos e mais dilatados horisontes, e se ennobrecem com novas e cada vez mais brilhantes conquistas; manifesta-se activissima nas artes que estudam afanosas os grandes modelos, e cada vez mais se approximam das culminações esplendidas do sublime; manifesta-se activissima na industria, que exaure as forças de milhares de braços, cansa o ferro e o vapor de milhares de maquinas para centuplicar cada vez mais os seus variados productos, e satisfazer todas as exigencias do homem, ainda as mais caprichosas e exquisitas. E sem embargo, sendo, como'é, a vida

o grande factor da harmonia na serena magestade dos ceus, nos profundos abysmos do mar, nas elevadas cuspidas dos montes, na verde espessura das florestas, nas espantosas soledades do deserto, em todo o largo circulo, emfim, do vasto quadro da natureza, pelo contrario, a vida, no quadro d'este seculo, parece ser elemento de confusão e desarmonia. Que singular phenomeno, que estranho e lamentavel contraste!

Conceitos profundos acham-se barralhados com banalidades triviaes, erros grosseiros com maximas sublimes, principios d'orlem com theorias subversivas; a par dos sentimentos mais elevados campeiam as paixões mais degradantes; a par de muita hombridade a cobardia mais ignobil; a par de muita dedicacão o egoismo mais imperdoavel. Que singular phenomeno, que extranho e lamentavel contraste!

Quem restabelecerá a paz n'este mar cavado por tão furiosas tormentas? Quem dará consistencia e unidade a tantos elementos contrarios? Quem fará convergir em prol da sociedade tantos esforços inuteis por contradictorios e discordantes?

Senhores! Ha um homem, que sem pretensões a economista nem a sociologo, sem ambicionar os applausos nem as auras da opinião, e nem sequer uma palavra de alento no meio do seu incontestavel bemfazer, é todavia um dos mais prestimosos e d'votados obreiros da grande causa social. Ha um homem, que sem inventar systemas, nem propalar theorias ostentosas, contribue, todavia, com seu humilde labor, superiormente a todos os que o menosprezam porque o desconhecem, para o verdadeiro progresso e legitima grandeza de todas as nações, que tem a fortuna de ouvirem a sua voz, receberem as suas bençãos e fruirem os beneficios do seu influxo salutar. Ha um homem, que sem nome nem prestigio no gremio dos que a si mesmos se cognominam espiritos illuminados, mestres e guias da geração contemporanea, supplanta-os, todavia, no que diz respeito a promover a verdadeira prosperidade e florescencia dos povos, embora os trabalhos d'elle sejam as mais das vezes obscuros, quasi sempre mal accetitos, e do ordinario recompensados com ingratiões.

E quanto esse humilde filho do seculo, soldado nato da gloriosa milicia da Cruz concorra para a consecucão e manutensão da unidade e harmonia nas sociedades, já vós o sabeis, pois que foi este o assumpto da minha desluzida conferencia, no domingo pasado.

Deixei, porém, incompleto o desenvolvimento da minha these, porque,

obrigado pela estreiteza do tempo, limitei-me a fallar-vos sómente do elemento adverso que destroe a união e a harmonia no organismo social; e devo fallar-vos tambem do seu elemento constitutivo, do laço d'ouro, do vinculo sagrado, que unindo no mais felizes consorcios todos os diversos membros da sociedade, de todos elles faz como que um só homem, com um só e o mesmo pensamento, e um só e o mesmo coração. Tem esse laço d'ouro, esse vinculo sagrado da união e harmonia social, um nome que todos conhecem, todos pronunciam entre bençãos, e todos escolhem com ufania para insignia da sua classe, divisa do seu partido, e balseão dos seus empreendimentos: chama-se a —*fraternidade*.

Basta, senhores: este nome é por si só o melhor dos exordios para captivar as atenções, e predispor favoravelmente os animos de qualquer auditorio. Posso desassombradamente traçar o plano do meu discurso:

Dar-vos uma ideia da verdadeira fraternidade social, o discorrer, por momentos, sobre o Apostulado do clero em face d'ella—tal é o assumpto eminentemente sympathico e eminentemente social, que vai pôr o remate a estas humildes conferencias quarosimas.

Succorro-me do teu auxilio, ó lenho bendito da Redempção! . . .

Conto com a vossa benevolencia, illustre assembleia, agradeço, por extremo penhorado, a que até aqui tão generosamente me dispensastes, e que me affiança a que hoje e, por ultimo, espero me dispensareis ainda com as vossas religiosas atenções, e

Principio.

Senhores!

A primeira realza do mundo, a que mais soberanamente o domina e mais accentualmente signala todas as suas evoluções, todas as suas phases, é, por sem duvida, a realza persuasiva da palavra. Ou seja luz que allumie ou fogo que abraze, chuva que fecunde ou torrente que arrebate, ou tenha o murmúrio do arroio ou o bramido da onda, a harmonia do bosque ou o troar do furacão, a palavra exerce sempre uma influencia suprema, porque ella inspira e inflamma a ideia, desperta e electriza o sentimento; e a ideia e o sentimento são os dous grandes motores, as duas grandes potencias directivas do homem e das sociedades.

Se perlustardes, por momentos, a vasta necropole da historia, e acordardes do pó dos seculos os mais extraordinarios acontecimentos que tem convulsionado e removido o mundo, achareis que elles obedeceram sempre ao impulso prestigioso d'uma palavra, que

foi quem os suscitou, os definiu, e lhes deu o caracter, a direcção e o successo.

A esta palavra calorosa — *Deus o quer!*—a Europa, no seculo onze e no seculo doze, precipitou-se, quasi em peso, sobre a Asia, para libertar do poder musulmano o sepulchro glorioso de Christo. A esta palavra agitadora — *Reforma!* é *necessaria uma reforma!*—estalou, no seculo quinze para o seculo dezeseis, a mais profunda e desastrosa das revoluções, que tem abalado o mundo religioso. A esta palavra tão lisongeira para o nosso orgulho — *Direitos do homem!* *vinguemos os direitos do homem!*—desencadeou-se, no seculo passado, o espantoso cataclismo da revolução franceza, cujas consequencias funestas ainda hoje se fazem vivamente sentir. E a esta palavra magica — *Fraternidade!* *implantemos o reinado da fraternidade!*—que movimento, que vertiginoso movimento não se opera ahi, presentemente, na velha Europa, na florente America, em toda a parte do globo, emfim, onde quer que o nosso seculo deposita o germen da sua vida, e propaga as ideias do seu programma!

Rasgam-se montanhas, porfuram-se tunneis, estancam-se rios, obrigam-se as ondas a recuarem de sobre as praias, applanam-se as barreiras insuperaveis que se interpõem entre nação e nação, tudo para que ellas se approximem, se unam, se identifiquem, e se realice o grande convívio da confraternisação universal dos povos. E, do alto do seu throno de lumes, o seculo dezenove, qual outro Christovão Colombo, aponta-nos para um novo mundo que va surgir, não d'entre as brumas do oceano, mas d'entre os esplendores do seu progresso, e diz-nos, em fervido enthusiasmo: — Não vêdes d'aqui esse novo mundo maravilhoso da fraternidade? Não vêdes como elle é bello, deslumbrante, surpreendente, arroubador? Não vêdes como ali já não ferve a inveja, nem estua o odio, nem referve a vingança? Não vêdes como todos ali se amam, se abraçam e se beatificam mutuamente, e cada um é feliz da felicidade de todos, e todos são felizes da felicidade de cada um? Ah! saudae-o, saudae-o, que elle já vein perto, muito perto, esse bello mundo emparadisado; tudo nos annuncia a sua alvorada, que desponta. Pois não vêdes, acaso? As divisões extinguem-se, as individualidades desaparecem, o egoismo morre, as distancias anniquilam-se, os povos avizinham-se, a paz universal decide-se no seio dos nossos congressos, a guerra va passar á historia, os canhões vão ser soterrados para sempre no fundo dos nossos muscus archeologicos, e as ge-

rações caminham. . . caminham a passos de gigantes, engrinaldadas de flores, atravez d'um idyllio no presente, para o eden da fraternidade no porvir.—

Que dizeis a isto, senhores? Será um sonho, ou será uma realidade essa visão encantadora do seculo? E, quer seja uma ou outra cousa, caminharemos nós, de facto, para esse mundo ideal que elle nos assegura no futuro? Ah! nós temos bem fundadas e ponderosas razões para não nos deixarmos fascinar pela irresistivel magia d'essa palavra seductora — *fraternidade!*—e para não nos deixarmos conduzir, ás cegas, presos com cadeias de flores, para esse decantado paraizo fraternal, que dizem se approssima, e lograremos amanhã. Temos, sim, porque a fraternidade tem rubricado de sangue, e tarjado de lucto, mais que uma pagina da historia. Temos, sim, porque, logo nos additos do tempo, lá se nos depara a figura sinistra de Cain, immolando impietosamente seu innocente irmão, com o sorriso da fraternidade nos labios. Temos, sim, porque em tempos, ainda não de todo obliterados da memoria dos homens, milhares de cabeças venerandas rolaram no e trado sangrento do cadafalso, tendo a estatua da liberdade d'um lado e a da fraternidade do outro lado. Temos, sim, porque a fraternidade é ainda hoje pretexto para muitos desmandos, estimulo para muitos attentados, sanção para muitas tyrantias, e véo para muitos crimes.

Portanto, que não vos illuda o prestigio da palavra; antes do acceital-a e de vos deixardes arrebatar por ella, soffrei que eu a defina n'esto momento com toda a precisão, lucidez e clareza, de que é capaz a minha obscura intelligencia.

Que é a fraternidade?

Senhores! Actuam no coração humano, n'este abysmo repleto de insondaveis mysterios, duas forças oppostas e contradictorias:—uma força de contracção e outra de dilatação, um movimento d'amor diffusivo, e um movimento d'amor diffusivo. Pela primeira, o coração fecha-se, encerra-se todo dentro do seu proprio ambito, e é só para si proprio que palpita e vive. Pela segunda, o coração abre-se expansivo e generoso, e procura derramar fóra de si, no ambito d'outros corações, as riquezas dos seus dons, as liberalidades dos seus sentimentos, os gosos mais puros da sua vida intima.

Buscarei uma imagem, como para estereotypar estes dous modos de ser do coração humano.

(Continua.)

SECÇÃO HISTÓRICA

Para a historia das nossas missões ultramarinas

(Continuado do n.º 7)

4.º **P**assando agora dos edificios profanos aos que são destinados ao culto religioso eis os melhoramentos que esta Administração tem promovido em Timor. Como acima deixo dito as chamadas igrejas do interior eram barracões improprios pela falta de acção e de limpeza. Os povos que possuíam d'estas igrejas eram —Ocussi, Noimuti, Batugadé, Montael, Lacló, Manatuto, Laleia, Niqueque, Lacluta e Luca: e ainda n'outros pontos havia choupas miseraveis, como a de qualquer indigena pobre, a que davam o nome de capellas, e onde recolhiam algumas imagens de Santos. Havia com tudo uma capella, que ainda existe, em Lautem, muito decente e bem arranjada, com as paredes rebocadas e caídas, tendo sido feita sob a direcção d'um morador de Dilli, Lucas Barreto Martins quando em 1876 alli esteve como commandante militar.

Das sobreditas igrejas barracões, a de Laleia foi incendiada pelos guerreiros de Manoel dos Remedios quando este sustentou luta contra o governo, em 1879: as de Niqueque e de Luca fê-las desaparecer a acção destruidora do tempo, e algumas das outras ainda se conservam, por não ter sido possível substituil-as todas por outras. Nos pontos porem onde se estabeleceram missionarios tornava-se de absoluta necessidade ou construir novas igrejas ou reformar pelo menos as existentes. Foi por isso completamente reformada a espaçosa igreja de Ocussi: foi feita uma outra, em Lacluta; adornadas as de Manatuto, Montael, e Lacló e todas estas postas em condições de poderem servir decentemente aos actos do culto religioso. E' porem de toda a conveniencia que nos referidos logares e ainda n'outros onde existem christandades numerosas haja, quando não possa ser uma igreja, ao menos uma capella de

pedra e cal, onde o missionario que reside ou que transita possa exercer com algum esplendor os actos religiosos.

Para assim o conseguir esta Administração tem empregado todos os meios ao seu alcance, promovendo subscrições e offerecendo se a subsidiar as obras tanto quanto pode. Por esta forma se emprehendeu a construcção d'uma igreja em Batugadé e d'outra em Manatuto. Ha trez annos que se deu principio a estas obras e hoje quasi que se podem dizer concluidas, pois que se acham já cobertas de zinco, restando apenas lançar os forros, as portas e janelas e fazer alguns ornatos, e outras obras miudas no interior, sendo para notar que a de Manatuto esteve interrompida mais de um anno. Para a de Batugadé que é de construcção ligeira

rrs d'aquelle localidade, não tendo a missão de dar para alli, senão imagens, paramentos, linhagens etc.

III

Circumstancias que obstaram ao rapido desenvolvimento das missões, e que hoje collocam os actuaes missionarios na impossibilidade de se desempenharem convenientemente dos seus encargos.

Ao desenvolvimento progressivo das missões, tanto pelo lado material como pelo lado religioso, correspondia naturalmente o augmento de serviços, e a estes deveria tambem corresponder, como já disse, o augmento de pessoal. Não succedeu porem assim. As missões desenvolveram-se e o pessoal escasseou successivamente e n'te. Eram em 1878 treze os missionarios em Timor.

Em 1879 retiraram-se os Rev.ºs Joaquim Ignacio, Manoel José Branco e Francisco Leang, ficando por conseguinte aqui só dez Padres. Em 1880 foram chamados a Macau pelo Exc.º Prelado, os Rev.ºs Carlos Ferreira Baptista e Sebastião Maria Apparicio da Silva, ficando então reduzido a 8, o numero de missionarios. Ainda em fevereiro de 1881 se ausentou de Timor o Reverendo Vigario



BETHANIA

tem a missão concorrido com alguns subsidios em materiaes e em dinheiro, na importancia de cerca de 1:000 florins. Para a de Manatuto porem, a pedido do regulo e dos seus principaes, maiores despesas tem feito esta Administração despesas que até ao mez findo montavam para cima de 4:000 florins e que ainda se elevarão talvez á totalidade de 6:000 florins.

O povo de Manatuto concorreu não só com o producto d'uma subscrição, mas tambem dando madeiras, fazendo cal e trazendo regularmente no serviço da obra 40 ou 60 homens. E' por isso que a despeza total com esta obra importará n'uma quantia relativamente insignificante. N'outra parte não se gastaria n'uma construcção igual, menos de 40 ou 50 mil florins.—Tambem mencionarei a pequena capella feita ultimamente nos arrabaldes de Dilli, em Bidau. Foi ella feita á custa dos moradores

Geral Medeiros; mas em setembro d'este mesmo anno voltou, acompanhado do Rev. Sebastião Maria Apparicio da Silva, ficando então ao serviço das missões 9 sacerdotes. Finalmente pela nomeação do Rev.º Medeiros para Bispo Coadjutor do Snr. Arcebispo de Goa, e pela ausencia de Rev. Francisco Pedro Gonçalves que obteve licença de regressar a Macau, ficou o pessoal d'estas missões reduzido a 7 missionarios.

São estes os que existem: e, posto que não sejam bastantes, como adiante mostrarei, para o desenvolvimento que as missões reclamam, seriam com tudo sufficientes para d'algum modo sustentar a missão central de Dilli com missionarios fixos, e as do interior com missionarios ambulantes, se todos gozassem de saude robusta, e se o clima fosse mais benigno.

Mas infelizmente dos 7 missionarios actuaes apenas 4 podem supportar o

peso de serviços um pouco mais activos. Os tres restantes acham-se impossibilitados de cumprir com exactidão os seus deveres. O Rev. Jacob dos Reis e Cunha em certas epochas do anno soffre por tal forma dores rheumaticas que nem sequer pode levantar-se do leito. Limita-se por isso n'essas circumstancias a ensinar a lêr alguns rapazes. Os Rev.ª José Antonio Pires e Anaeto Cotrim da Silva Garcez estão quasi anemicos, e apenas com grande difficuldade administram algum sacramento, celebram missa aos Domingos, e com muita irregularidade conservam a escola, não podendo com tudo prestar-lhe a attenção devida por falta de saude.

(Continua)

P.º João Gomes Ferreira.

Vigario geral e superior da missão de Timor

SECÇÃO CRITICA

Les Petites Sœurs des pauvres

DURANTE a epidemia *choleric* ultimamente em Paris deram-se alguns casos no Asylo de velhos na *avenue de Breteuil*, dirigido pelas *Irmãs* supra mencionadas; foi n'esta mesma occasião, que *dous energumens* do Conselho Municipal de Paris se pronunciaram pela *laicisação* d'aquella casa de caridade, e assim pela substituição d'aquellas *Congregadas* por *enfermeiros seculares*, porque os *dous lá não estavam*, e de tal modo significaram seu *egoismo*. O *perfeito de policia*, conhecedor d'aquelle mau intento dos *dous conselheiros*, respondeu-lhes do modo seguinte: «E' verdade, senhores! que no Asylo a que se fez referencia se produziram muitos casos de *cholera*, mas devo dizer que d'aquelles recolhidos atacados o menos velho tinha 74 annos; e todos os asylados, lá, são pessoas já enfraquecidas pela muita idade. Mas a molestia não tem alli tendencia alguma para se estender. Eu mesmo fui observar como as cousas estavam, e posso affirmar que todas as prevenções necessarias estão tomadas.

Aproveito a occasião, sem difficuldade, para render aqui uma homenagem publica á dedicacão e abnegação que eu constatei nas pessoas (*devia dizer nas «Irmãs»* mas tomou-se da impressão da maioria do conselho e empregou a (*periphrase*) nas pessoas, que se occupam d'aquelles pobres velhos.

Os tres *conselheiros* foram buscar lá mas sahiram tosqueados; rebentou-lhes a castanha na bocca.

E' provado que a falta de religião

torna os homens crueis. Em Paris ha muita miseria, e ao mesmo tempo as referidas *Irmãs Congregadas* buscam acudir a tanta necessidade; em vista d'esta situação ha uns *conselheiros municipaes* (echo de *uns municipes*) que buscaram inutilisar aquellas *mães dos pobres*, e quando ellas estavam acudindo com toda a caridade aos doentes pobres: é mister *não ter entranhas!* Todo o erro endurece os corações, e nenhum mais que o *Erro-Maçónico-Revolutionario*, pois que este procura desprender de todo o homem de Deus! Ha uns *Maçons*, ha uns *Revolutionarios*, que mesmo invocam Deus, e ao mesmo tempo amam a *Maçonaria* e a *Revolução* e assim buscam *ligar Babylonia com Syão*; estes *contradictorios* estão fóra do caminho verdadeiro e dão auxilio no *essencial á Maçonaria-Revolução*; com Deus não se pôde estar a *meias* ou em *meação* — *Quis non est mecum, contra me est*, diz o Santo Evangelho. Ou *com Deus ou contra Deus!* Em tempos a *Maçonaria «admittia»* o *Supremo Architecto*; e a *Revolução* declarou a necessidade de um *Ente*, se não *divino divinizado* embora pelo modo o mais repugnante: foi uma tactica diabolica para se tornarem *mais aceitaveis* até que depois se declararam *atheus* menos por *crença* do que por *corrupção* para todos os peccados; Satanaz não nega a existencia de Deus, pois não quer passar por louco, mas faz Lhe toda a guerra que pôde e *não vence!* Os que se dizem *atheus* vão *mais longe* que Lucifer. Nós não separamos a *Maçonaria da Revolução*, nem a *Revolução da Maçonaria*, não obstante ás vezes tenham parecido ser duas entidades, quando não são mais que o mesmo *ente* porém obrando *ás occultas* ou *ás claras*, se bem que *nem tanto ás escondidas* que de todo não seja visto, nem tanto *ás claras* que tudo seja logo percebido. Os *dous conselheiros* serviram o diabo, em nome da *Revolução* fazendo sahir do asylo dos pobres velhos, de Breteuil, as *Petites-Sœurs des pauvres*; e certos do bom serviço d'estes, mas *captivos da Revolução*, tiveram de *servir a sua senhora*, e isto *lhes bastou*; fallam *certos homens* contra a *servidão* e são *elles os mais servis* da *peor escravidão!* Que *conselhos* os dos *taes conselheiros!*

Vale retro!

Dom Antonio d'Almeida.

~*~*~*~

Os nihilistas portuguezes.

Continuado do n.º 8

ASSIM responde Bergier aos que fizeram apologia de Vanini, e taxaram de crueis os juizes, que o sentenciaram.

Isto hoje está mais adiantado. Ninguém pensa como Bergier. E' retrogrado. Hoje, cá n'este paiz felicissimo, pode cada um dizer o que quizer, que as leis, digo, os encarregados da sua execução, deixam passar.....

E por isso tudo vae como vae....

Theophilo celebrava, pelo mesmo tempo, em verso as doutrinas e immoralidades, que Vanini propagava em proza.

Depois, na segunda metade do seculo XVIII, publica-se o *Systema da natureza*, obra do impio barão de Holbach, com a collaboração de Diderot.

Esta philippica contra Deus, como lhe chamava Voltaire, é o primeiro monumento escripto do atheismo dos tempos modernos.

A eschola voltaireano, mais moderada ou mais hypocrita, ainda respeitava algumas crenças: os apóstolos do atheismo queriam derrubar tudo.

Porem o atheismo, como eschola, morreu com os seus principaes coriphæus; e em Portugal foi sempre desconhecido como systema.

XII

(Conclusão)

Aos hodiernos republicanos cabe a triste honra de quererem acclimatar no paiz fidelissimo esta planta exotica!....

Descendentes em linha recta do orgulhoso Lusbel, querem fazer repercutir, nas terras d'entre Minho e Guadiana, o famoso *non serriam*, com que o anjo mau iniciara a sua revolta!..

A' crença consoladora em um Deus Omnipotente, que tudo creara, que vela pela conservacão da sua obra, querem substituir o nada!..

A' crença na immortalidade da alma, e em Deus remunerador da virtude e castigador do vicio, substituem os nossos republicanos o nada alem da campã!..

Douctrina, que degrada a dignidade humana, egualando o homem aos brutos irracionaes!..

Douctrina fomentadora do crime: o homem vendo muitas vezes exaltados os maus, e opprimidos os virtuosos, se não cre' em Deus e na vida futura, facilmente entrará na tenda, que mais commo-didades e gosos lhe proporcionar, sem se importar com os meios!..

Douctrina somente commoda para o criminoso que, conseguindo illudir a justiça humana, ou estando seus crimes fora do alcance das leis dos homens, não tendo a temer um tribunal incorruptivel, onde sejam conhecidos e castigados seus occultos delictos, pode entregar-se sem receio nem remorso a seus crimes, porque a responsabilidade d'elles irá sumir-se como seu ser no pó do sepulchro!....

«Nenhum homem, diz um escriptor moderno, poderá recusar em seu coração, um lugar á crença em um Deus, senão quando deseje que elle não exista, por via de algum fim, que repute um bem.»

Vejamos qual é esse fim, que os nossos republicanos têm em vista, e que reputam um bem para elles, quando proclamam o atheismo.

1.º Bem para elles:

Querem substituir o governo monarchico pelo proprio d'elles, isto é, pela desordem, pela anarquia, pela immoralidade. Para levarem o povo a insurgir-se contra o Rei, é necessario primeiro leval-o á insurreição contra Deus, porque Deus condemna taes revoltas....

Abaixo por isso a crença em Deus!...

2.º Bem para elles:

Querem proceder a liquidação social, ou pelo menos arranjar umas leis a seu modo, de maneira que os malandrins se locupletem á custa da gente que tem alguma coisa; mas isso é um roubo, e o roubo é prohibido e castigado por Deus.

Para que pois o povo os secunde na sua tarefa demolidora, o meio é fazer-lhe crer que Deus não existe.

Abaixo pois a crença em Deus!....

3.º Bem para elles:

Querem acabar com a religião n'este reino, perseguir seus ministros, abater os altares, derrocar os templos: mas o povo, se lhe descobrir os intentos, far-lhes-ha pagar caro o atrevimento....

Que fazer pois? Dizer ao povo que não ha Deus, cathequizar-o mansamente n'este sentido, e quando a obra estiver adiantada: facil lhes será levar por diante seus malevolos intentos!..

Abaixo pois a crença em Deus!...

Foi este o systema seguido pelos seus mestres da revolução franceza, e como foram bem succedidos, contam os nossos nihilistas, seguindo-lhes os passos, obter o mesmo successo!...

Eis os fins, que tem em vista os homens da—*Era Nova*, ao escreverem, em seu estandarte revolucionario, as palavras:

Nada de Reis. Nada de Deus.

Epilogo

São inimigos de Deus, cuja existencia negam, e da religião que trabalham por extirpar do coração do povo portuguez!...

São inimigos da patria, que querem abraçar em fogo e inundar em sangue!...

São inimigos do throno, que querem derruir, fazendo do reino fidelissimo uma republica vermelha, e do povo portuguez um povo de atheus, um bando de feras!...

Fins tão perversos não podem deixar de ser denunciados á execração publica. Foi o que fiz n'estes esboços, como

Um amante da religião, da patria e do throno.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Os santos logares

I

Bethlem

LIS-NOS em frente dos muros que circuntam a pequena cidade onde nasceu Jesus Christo. Dentro d'aquellas paredes raiou luminoso o Sol da graça, o astro que tanto havia acalentar a humanidade, o facho radiante, que os prophetas haviam annunciado, e que os povos almejavam desdo o principio dos seculos.

Bethlem, o berço humilde do Salvador do mundo, e o berço tambem da fé e da doutrina catholica, que havia civilisar os povos, que havia fazer de todos elles uma sociedade de irmãos.

Salvê cidade bendita, que foste testemunha do facto mais estupendamente assombroso que os seculos viram! Salvê estancia privilegiada, onde Deus fazendo-se homem quiz nascer para resgatar a decahida geração do primeiro homem! Salvê, salvê!

No tempo em que estamos, quando a Igreja memora os ultimos dias do Salvador na terra, nós não podiamos, deixar de recordar aos nossos leitores os factos que mais tem assombrado os sabios e as academias, que mais tem feito despedaçar as falsas theorias dos philosophos de todas as raças, de todas as idades. Vamos, pois, no presente e no proximo numero reproduzir quatro magnificas gravuras dos logares santos, principiando por Bethlem, berço de Jesus Christo, e acabando em Jerusalem.

Bethlem é hoje uma pequena cidade da Palestina, a 8 kilometros de Jerusalem, chamada pelos arabes Bet-Lahm, e com uma população de 3 mil habitantes. A pequena cidade, cujo exterior a nossa primeira gravura representa, eleva-se no topo de uma formosa colina, coberta de terraços enramados com vinhas e olivedos. A direita eleva-se o pico de uma montanha onde os Cruzados edificaram um castello, á esquerda cortam o azulado céu do oriente as torres e minaretes de Jerusalem, e em frente solévantam-se as montanhas de Moab.

A igreja de Santa Maria, no extremo oriente da cidade, edificação começada por Santa Helena e concluida por

Constantino Magno, pelos annos 327, ostenta-se sobranceira á gruta onde nasceu Jesus Christo, Senhor nosso. E' em forma de cruz, comprehendendo só o pé da cruz cinco naves, formadas por quatro alas de columnas corinthias de seis metros de alto. Os braços da cruz da mesma largura que a grande nave dão sahida para o exterior, e o topo da cruz, que se pôde dizer o verdadeiro santuario.

Os tectos foram em tempo recamados de ouro, mas hoje, nada d'isso existe, e só marmores de um valor inestimavel se admiram ainda. Ao sopé do altar mór divisa-se uma estrella de formoso marmore, que está collocada justamente no sitio onde parou a estrella que guiou os Magos ao local do nascimento do Salvador, e perpendicularmente a esta estrella está a gruta onde o Menino Deus nasceu. E' mui grande o numero de alampadas que dia e noite illuminam este templo memoravel.

Repousam aqui os restos mortaes de S. Joronymo, Santo Euzebio de Cremona, S. Paulo e Santa Eustachia.

Temos dado, ainda que rapidamente, noticia do local onde principiaram os grandiosos acontecimentos da redempção do genero humano; caminhemos mais, seguindo os passos do Salvador.

II

Bethania

A nossa segunda gravura representa o sitio onde outrora se ostentava a pequena cidade de Bethania, e que é hoje uma pequena aldeia, sob o dominio turco, chamada El-Asarip, composta de umas vinte casas, e cercada de esplendidos olivedos. Fica a 18 kilometros de Jerusalem, na estrada d'esta cidade a Jericó.

Aqui, n'esta terra abençoada elevava-se o castello de Magdallo, onde viviam Lazaro, aquem Jesus resuscitara, sua irmã Martha e Maria Magdalena, a formosa castellã, que doudejara com a sua formosura, como as brisas lhe doudejavam com as formosas e longas tranças. Foi aqui, n'este lugar, que Jesus appareceu á encantadora Maria, e a subjugára com a magestade do seu olhar divino, até a fazer abandonar os praseres que d'antes a enebriavam, rasgar em pedacos, as roupagens roçagantes que por tanto tempo involveram as formas gentis da louca donzella, calcando aos pés as pedrarias com que se ornamentava, e que tanto brilharam ao sol esplendido do Oriente.

Foi aqui, n'este lugar bendito, porque calcado pelos pés divino do Salvador, que o typo da beleza oriental se roçou aos pés do Nazareno, do Homem Deus, lavando-lhos com suas lagrimas, e em vez de toalha, se servira da ampli-

dão de seus longos cabellos para lh'os enclugar.

Foi aqui que Jesus pronunciara estas palavras:

«Levanta-te que os teus peccados foram perdoados, pelo muito que amastes.»

E a peccadora erguendo-se foi o primeiro typo da mulher arrependida, e, quando as ultimas gotas de sangue, cahiram, no Calvario, da fronte do Homem Deus, recebeu-as nas ondas de seus cabellos a mulher regenerada pelo christianismo.

Saudemos, pois, a terra da Bethania, santificada com os passos do Redemptor da humanidade, e varridas com os cabellos da primeira arrependida.

Em qualquer parte, em Braga, em Lisboa, em Paris, onde vires, leitor, uma casa denominada da regeneração, não julgues que é ao progresso do seculo que essa instituição se deve: é ao christianismo, porque a primeira regenerada assistiu, abraçada á cruz, á morte de Jesus Christo.

R.

SECÇÃO LITTERARIA

Uma pomba livre!

(A MINHA IRMÃ D. ANNA CALDEIRA)

NÃO tereis lido, porque decerto vos falta tempo para ler tratantadas e baboseiras, mas é possível terdes ouvido fallar com cynica paixão de meninas que fogem ás famílias, que abandonam os patrios lares, para, impulsionadas pelo fanatismo atroz da Religião christã, irem ser *escravas*, n'um hospital, e dar a vida, a saúde, a juventude por uma causa *tola*, tornando-se mulheres desgraçadas sob o peso da caridade, no seculo do prazer e da vida devassa e alegre dos lupanares, dos bailes e dos theatros.

E que de historias por ali se contam, que romances se architectam cheios de peripecias e de primores de estylo uns, e sujos, aporcalhados, por sahirem de pennas sujas e porcas, manejadas por mãos, que o carrasco de vera ter decepado ha muito, a mór parte d'aquellas, d'essas historias em desfavor das Irmãs da Caridade!

Mas, apesar de tudo, e sem querer fazer estylo aprimorado, que o não sabemos, nem tambem sujar papel, que para isso, louvores a Deus, não viemos á imprensa, tambem vamos contar uma historia de Irmãs da Caridade.

Um dia, apesar da cruz que custodeia a virtude, pôde entrar n'uma casa onde vivem as pobres Irmãs, o medonho *milhafre* da impiedade, e, á custa de seducções e perfidias, conseguiu que

uma d'essas pombas, que possuem as candidas azas que levam ao céu, abatesse essas azas, e se deixasse aproximar da borda do abismo. A desgraça abrelhe as portas de par em par, e a virgem do Senhor, innocente como tudo que é santo, ia deixar-se cair, ia morrer para a vida eterna, ia ser uma apostata, um ente desprezível aos olhos de Deus e da sociedade culta.

O seu bom anjo, porém, que não a abandonára ainda e que, de certo a deixára um pouco para mais afirmar o seu poder, mostrou-lhe com a dextra a luz da Bemaventurança, e a victima, que ia ser dos *milhafres* do atheismo, fita, com os olhos da fé o céu, e, olhando o abismo, recua, fôge, e vai acolher-se nas dobras do manto que pende dos hombros da sua mãe geral.

Estava salva a mimosa florinha do Evangelho? Ainda não.

A's portas do aprisco onde se acolhera, batem os *milhafres*, que almejam a deshonra das candidas filhas da caridade, e apresentam-se como parentes da victima que queriam immollar. A mãe, amante de suas filhas, mas que só quer ser mãe das que livremente lhe dão tal nome, fez apparecer, diante dos algozes, a victima ha pouco livre, e mostrando-lhe a porta por onde saem as que por mãe a não querem, disse-lhe

«Filha, se quereis abandonar esta casa, e seguir vossos parentes, ninguém contra vontade aqui vos detem.

—Mãe, respondeu a filha do Senhor, nem estou descontente com a vida que abracei, nem, que o estivesse, abandonaria esta casa, em companhia de pessoas que não conheço. Esses que se dizem meus parentes, nem o são, nem de vista os conheci em tempo algum. Acolhei-me, pois, minha boa mãe, no seio d'esta casa, livrando-me assim de quem a felicidade roubar-me quer.

Louvava ao Senhor a mãe solícita, quando dos labios dos *milhafres* sae uma ameaça.

—Senhora, disseram, sereis chamada ao commissario da policia por terdes, contra vontade, n'esta casa, uma pobre mulher.

A mãe, a Superiora da casa, onde se observa a caridade em toda a sua pureza, fitando o céu, donde dimanam todas as grandes ideias, os mais grandiosos pensamentos, e, alem d'isso, escudada pela lei que dá vida franca áquella casa da caridade, pronuncia estas palavras:

«A nossa casa é aqui, e quando a policia quizer, pôde entrar pela mesma porta por onde entram as candidas virgens do Senhor. Os sabres policiaes não me atemorizam, porque a infamia fica sempre fóra d'aquella porta, e, quando aqui entra é porque eu, filha da penitencia, não receio deixal-a entrar, por-

que não temo as suas tentativas. Ide chamar o commissario de policia, para me tirar o trabalho de o mandar chamar, para lhe pedir vos dê o logar que merecem os inimigos da virtude, os roubadores da paz que disfructam pobres mulheres ao serviço de Deus e da humanidade. Ide.»

E os cobardes *milhafres* foram, e nem com a lembrança da impunidade que por outra vez tiveram, se atreveram a ir ao commissariado da policia.

Jam roubar a paz e a honra de uma mulher, com o mesmo cynismo com que roubariam o cofre de um banco, ou de uma corporação religiosa. Mas este roubo, o da paz e da honra de uma mulher, é maior que o de um cofre de dinheiro; porque este podiam encher de novo, despejando outro: mas a honra de uma mulher, como pagal-a?

Fiquem de sobri-aviso os nossos leitores, e não cream em *historias* momentaneamente escriptas, por quem não tenha a vista clara bastante para ver o que escreve. O estravismo, quando affecta os olhos do corpo e do espirito, leva ás maiores indignidades.

Peçamos, minha Irmã, a Deus nosso Senhor, que nos dê boa vista na alma e no corpo, que dos taes mastins estão livres as Irmãs da Caridade. Lisboa-janeiro de 85.

M. de Jesus.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Fomos honrado com a visita do muito Revd.º Padre Franco Straus, membro illustrado da Companhia de Jesus, e distincto orador sagrado, que veio a esta cidade pela vez primeira para fazer as trez ultimas conferencias quaresmaes, em substituição do Revd.º Sr. Padre Rademaker.

Tambem nos visitaram, os srs. José Ferreira da Costa, do Collegio da Formiga, Jeronymo Theophilo Leão, de Santo Thyrso e José Rodrigues, de Coura. A todos, amigos de «P. C.» e nossos, mil agradecimentos.

Um triste acontecimento magoou profundamente o povo de Guimarães na primeira domingo de Quaresma. O templo de S. Francisco era cheio de fieis, para escutar o notavel orador Padre Rademaker. Quando S. Revd.º appareceu no pulpito estabeleceu-se religioso silencio, porque o sabio missionario ia deixar ouvir a sua palavra eloquente; de prompto, porém a voz emudece e o filho da obediencia, ainda que o tentou de no-

vo, não pôde continuar, e foi levado bastante doente para fóra do templo.

Consternação geral, soluços de muitas partes e muitas lagrimas brilharam em faces, onde a mais bella formosura d'alma também brilha. Vimos a mais bella manifestação de sentimento que se pôde tributar ao missionario Jesuita. Louve-se, por isso, a Deus.

Vamos hoje dar aos nossos leitores uma noticia que lhes deve ser grata, como o é para nós, que tanto admiramos o exemplo que vem do alto, d'onde sempre deve principiar.

O Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. D. João Rebello Cardoso Menezes, virtuoso e esclarecido Arcebispo de Mytylene, deu principio no dia 8 do mez passado, na egreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, ao ensino da Doutrina Christã ás creancinhas.

Quão grandes serão os fructos que a juventude colherá de um tal ensino, e como deve servir de estimulo aos parochos a quem compete o chamar para junto de si os pobresinhos a quem falta o pão do espirito!

Bom era que o exemplo dado por S. Exc.^a Rev.^{ma} fosse seguido, e que a catechese fosse, durante a quaresma, ao menos, o passa-tempo das creanças, para que a onda da desmoralisação não levasse todos os dias tantas almas para o vicio, para a desgraça, para a eterna perdição.

Encontramos na *Nação*, esclarecido collega nosso da capital, a seguinte noticia, que com prazer transcrevemos:

«Évora, 20 de fevereiro de 1885. Por iniciativa do muito revd.^o Desembargador da Relação Ecclesiastica da Metropole d'Évora o Exc.^{mo} Snr. Jacintho José Marques de Resende, também n'este anno se solemnizou na famosa Egreja dos Loios o anniversario da eleição do Venerando Pontifice Leão XIII.

Na tarde do dia 20 de fevereiro, exposto na Capella-mór o Santissimo Sacramento, e depois de desempenhados pelo côro varios canticos sagrados, subiu ao pulpito o muito revd.^o Desembargador da Relação Ecclesiastica d'esta metropole, Professor do Lyceu e Director da Escola Normal, onde também exerce o magisterio.

Collocado, pois, na Cadeira Evangelica, e desprendendo seus labios, o distincto Orador sagrado recitou um discurso, elevando-se a

toda a altura do importante assumpto de que tractava.

Foi escutado por um auditorio selecto. Achava-se também presente todo o pessoal do Seminario Archidiocesano.

Presidiu a esta solemnidade e officiou n'ella o Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. Doutor Manoel Joaquim Barradas, Dignissimo Thesoureiro-Mór e Presidente do Cabido Metropolitano, catholico de profundas crenças.

Officiou como Mestre de ceremonias o muito revd.^o snr. padre Jacintho José Marques Beneficiado da Sé.

Foi muito concorrida esta solemnidade a qual terminou com um solemne *Te-Deum*.

Deixamos de transcrever o resto da carta referente ao discurso do muito revd.^o Snr. Dr. Pinna, porque também nós podemos alguma cousa dizer dos discursos de S. S.^a Revd.^{ma} O seu discurso pronunciado no dia 7 de março do anno findo, no anniversario da coroação de Sua Santidade, e de que tivemos um exemplar, da-nos a prova de que S. S.^a Rev.^{ma} é um orador distincto, e um catholico verdadeiro, prompto sempre para o bom combate, pela causa santa da Egreja e da sociedade.

Ao notavel orador, e ao Rev.^{mo} Snr. Beneficiado Jacintho José Marques Resende, a quem Évora e a Egreja tanto devem, os nossos parabens.

Lembrados devem estar nossos leitores do solemnisimo desmentido que o *Conimbricense* deu ao pulhissimo papel que dá pelo nome de *Ventosa*. Foi este nojento paquim que invocou o testemunho do snr. Joaquim Martins de Carvalho, para provar com elle que o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo d'Angra fóra maçon. O Snr. Martins deu ao tal jornalco um desmentido de tal ordem, que o mesmo foi que pendurar o porco rabiscador pelas orelhas e desfazel-o a chicote, e o tal, assim depenado metteu a viola no sacco, e nem mais pio se lhe ouviu acerca do assumpto.

São assim todos os cobardes, todos os malfeteiros. Atacam pelas costas, mas quando alguém lhe sae de frente mostram o que são—uns patifes.

É mais uma flor para a coroa que aureolea a fronte do virtuoso Prelado Açoriano.

Foi-nos enviada a *Voz de Estarreja*, jornal que se publica na terra

de que tira o nome, e recebemos também uma carta da redacção pedindo a troca com o nosso humilde periodico. Nada mais natural, nem mais justo, embora discordassemos com a *Voz* logo ao primeiro numero, porque, os jornaes representam as ideas do campo d'onde vivem.

A *Voz de Estarreja*, porém, faz annuncio todas as vezes da *Semana de Loyola*, infamissimo papelucho que em Portugal se publica para descredito nosso: estava no seu direito a *Voz* se o seu director não fosse um padre; mas, como é um padre, e um padre amigo da *Semana de Loyola* ou é tolo ou não é catholico, por isso não acceitamos a troca, e todos os jornaes catholicos deviam fazer o mesmo.

O dia 6 de fevereiro foi de festa no Funchal, porque completavam-se oito annos depois que se realisara a sagração do venerando e virtuoso Prelado o Exc.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. D. Manoel Agostinho Barreto, Bispo da Madeira. As festas de egreja, o regosijo do publico, os cumprimentos recebidos durante o dia por S. Exc.^a Revd.^{ma} prova foram de que os madeirenses amam o seu Pastor e lhes tributam o respeito e a estima que tão preclaro Varão merece.

Se os pedantes, republico-geringoneiros lhes fazem guerra, que importa isso? Ma iria a S. Exc.^a Revd.^{ma} se tal gente lhe tributasse humenagem. Bom é que o trigo esteja do joio apartado.

Ao venerando Pastor as nossas filiaes felicitações.

Foi-nos enviado o seguinte:

«Snr. Joaquim Martins de Carvalho,
Coimbra.

Não sei para que os caripheus do liberalismo desembarcaram todos, de envolta com 7500 bravos nas decantadas praias lusitanas, deixando o Brazil presa do mais feroz jesuitismo. Pois não seria melhor deixar lá metade com o filho do heroe e trazer para cá só outra metade?

O resultado é berrar-se em Portugal muito contra os jesuitas, sem lhes fazer mal, antes bem, graças a Deus, e no Brazil medrar a *negra seita*, como que, se sobre elles não tivesse pesado a *liberalissima* lei do Marquez de Pombal.

Quer uma prova do que deixamos dito? Quer saber o que por terras de santa Cruz vae? Leia:

«Grande collegio.—Lê-se na Pro-

rincia do Rio de Janeiro, de antehontem:

«Vai-se fundar em Friburgo um grande collegio, succursal do collegio de Itú, dirigido pelos padres jesuitas. O terreno para este grande edificio, que accomodará 300 alumnos, é dado gratuitamente por M.^{ms} Salusse, respeitavel senhora capitalista, uma das primeiras que veio da Suissa para colonisar essa villa.

O edificio será levantado no morro chamado do «Moinho», perto da Villa e em logar aprazivel e saudavel.»

Imagine, snr. Martins de Carvalho, que do Brazil, assim como tem vindo muito maçon estúpido e malcreado, principia a vir muito jesuita, illustrado e bem educado, e que este paiz, *libertado* de tanto sangue *illustre* à custa, fica de todas as garras dos jesuitas! Que se vem a lucrar com a sua *santa liberdade*?

O badalo liberalengo já não terá corda?

Parece-o. Snr. etc.»

O Snr. Padre Guilherme Dias, olhe que lá vae outro! *Vossa reverencia* esta entretido com a... evangelica e não vê as ovelhas que fogem, e deixa o rebanho só com os pastores e com as pastoras.

Quer ver? Ora leia:

«*Abjuração solemne.* — Quarta-feira (4 do corrente fevereiro) teve lugar na matriz do Corpo Santo, a solemne abjuração, que fez dos erros da seita protestante, o Snr. James Davinson, inglez, o qual desejando abraçar a nossa fé catholica recebeu o baptismo no mesmo dia, sendo officiante o Revd.^o Conego Dr. Ananias Correia de Amaral, que o preparara convenientemente para o acto, e servindo de paranympho o Revd.^o vigario da freguezia de Fr. Pedro Gonçalves do Recife, padre João Augusto do Nascimento Pereira.

Felicitemos ao neophito por esse acertado passo e desejamos que os seus antigos correligionarios abrindo igualmente os olhos à verdade, renunciem tambem aos erros de sua seita, para abraçar a unica religião verdadeira.»

Vossa reverencia macha, porque não vae com a *reverencia* femia, pregar para o Brazil? Aquillo por lá vae mal, e então, deixe as lusitanas praias, e vá para lá.

Felicitemos o nosso collega da Madeira, *A Verdade*, ao entrar no XI anno da sua publicação.

Que Deus lhe dê forças e coragem para combater, de viseira er-

guida os inimigos da Igreja e da Patria.

Congratulamo-nos com a aparição do *Luzitano*, folha catholica de Lisboa, de que havemos recebido alguns numeros.

Ao ver na arena do combate onde ha sete annos combatemos, mais um irmão armado com a cruz, damos-lhe um abraço e pedimos para elle o que para nós desejamos.

Todas as vezes que nos dispusermos a ler jornaes encontramos sempre uma das muitas tratantadas dos padres! Agora aparece-nos um padre pharmaceutico, e que mereceu, por isso, ser condecorado pelo Imperador da Austria. Eis como encontramos narrada a noticia:

«O provincial da Ordem dos Irmãos bemfeitores, na Hungria, e primeiro pharmaceutico do hospital de Presbourg. Rvd. padre Stanislau Fuzi, foi publicamente condecorado por Sua Magestade Imperial e Real Apostolica com a ordem de Francisco José.

A cerimonia teve lugar no salão do Hotel de Ville, em Presbourg, e assistiram as autoridades civis, militares e ecclesiasticas, os numerosos bemfeitores da Ordem e o governador conde Estevam Esterbazi, que presidiu o acto.

O presidente pronunciou um discurso exaltando os serviços e virtudes do agraciado.»

Não ha que ver. Onde apparecer um homem que se eleve acima de todos os outros, esse homem hade estar envolto no habito do religioso! Que famosa apologia dos irades!

Devemos à generosidade de uma *troupe* de vimaranenses a recepção de dois n.^{os} do jornal-unico, *Guimarães — Andaluza*, distribuido em beneficio das victimas dos terremotos em Hespanha. Agradecendo a offerta dispensando-nos fallar da mesma publicação de que diremos tudo transcrevendo do nosso collega do Porto, *A Palavra* o seguinte:

«Esta folha traz excellentes artigos e poesias, muito recommendaveis; mas tambem n'ella apparece um producto mal sazonado d'um *sabichão*, o snr. A. Machado, que não conhecemos e que dá o seu couce nas *velhas theorias* e nas *paredes dos Seminarios*. Mas apesar da sua sciencia, que «só admite como origem do que só observa o que realmente é observavel», não nos diz e snr. A. Machado a origem dos terremotos.»

Aqui está como um milionario pode distribuir a sua fortuna de forma que chegue a todos os pobres, que linitive todos os infortunios, que faça o maior bem. etc.

«Acaba de fallecer em Cincinnati um dos homens mais bemfazejos de toda a republica dos Estados Unidos. Durante toda a sua vida deu continuas provas da generosidade de sua alma, mas seu testamento, que foi aberto em 29 de dezembro do ultimo anno, é a corda de tudo. Eis alguns legados:

| | | |
|-----|--------------|---|
| 50 | contos | ao orphanato inglez catholico, |
| 35 | « | ao convento do Bom Pastor. |
| 100 | « | ao arcebispo, para o Seminario. |
| 20 | « | às Irmãs de S. Francisco, |
| 35 | « | às irmãs dos pobres, |
| 20 | « | à casa dos expostos, |
| 30 | « | ao hospital catholico do bom Samaritano, |
| 35 | « | aos franciscanos para educação de rapazes vadios. |
| 5 | « | às irmãs da Caridade, |
| 1 | conto annual | ao Arcebispo para as missões, |

Alem d'isto deixou 50 contos para o fundo da Exposição, 100 contos para a Sociedade Musical, 20 contos para o museu das artes exceptuando as acções que apresentam um valor de 50 contos e a sua propria valiosissima colleção; acções no valor de 127 contos para a escola musical. Estes dois ultimos institutos haviam sido fundados e sustentados por elle.

Durante a sua vida já tinha dado:

| | | |
|-----|--------|--|
| 30 | contos | à Sè Cathedral de Cincinnati, |
| 235 | « | à Sociedade musical e um orgão magnifico, |
| 181 | « | à escola musical e outro orgão, |
| 35 | « | ao museu das artes, |
| 200 | « | a diferentes institutos catholicos. Um verdadeiro exercito de pobres, viuvas e orfãos recebiam mensalidades, e a elles tambem ficou todo o resto d'esta fortuna collossal. |

E como se chama este tão grande amigo da humanidade? Chama-se R. Springer. De protestante que era haviu-se tornado catholico. Como elle mesmo declarou, a vida santa de sua mulher o levou a pensar seriamente sobre a religião, e terminou por abraçar o catholicismo.»

J. de Freitas.